



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE BRASÍLIA

RAFAELA LIMA DE MORAES

**PERSPECTIVAS PRODUTIVAS DE MULHERES DO
ASSENTAMENTO 1º DE JULHO, SÃO SEBASTIÃO - DF**

Planaltina-DF Fevereiro de 2021

RAFAELA LIMA DE MORAES

**PERSPECTIVAS PRODUTIVAS DE MULHERES DO
ASSENTAMENTO 1º DE JULHO, SÃO SEBASTIÃO – DF**

Trabalho de Conclusão de Curso-TCC apresentado como parte das exigências do curso de Tecnologia em Agroecologia para obtenção do grau de tecnólogo em Agroecologia.

Orientadora: Profa. Paula Balduino de Melo.

Coorientadora: Profa. Patricia Dias Tavares.

Planaltina-DF Fevereiro de 2020

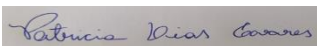
RAFAELA LIMA DE MORAES

**PERSPECTIVAS PRODUTIVAS DE MULHERES DO ASSENTAMENTO 1º DE
JULHO, SÃO SEBASTIÃO-DF**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado ao Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia de
Brasília-IFB, *Campus* Planaltina, como
parte das exigências para a obtenção do
grau de Tecnólogo em Agroecologia.



Prof. Dr^a Paula Balduino de Melo Orientadora
IFB / *Campus* Planaltina



Prof. Dr^a Patricia Dias Tavares Coorientadora
IFG / *Campus* Cidade de Goiás



Prof. Dr^a Sejana Artiaga Rosa
IFB / *Campus* São Sebastião



Prof. Dr^o Paulo Guilherme Francisco Cabral
IFB / *Campus* Planaltina

Planaltina-DF Fevereiro de 2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro momento a minha amada Mãe pelo amor e cuidado sempre.

Agradeço ao meu irmão e minha irmã, por serem a minha base todos esses anos, sobretudo aos meus sobrinhos, Sophia, João e Luan.

Agradeço às mulheres do Assentamento 1º de Julho, que se dispuseram a colaborar comigo, mesmo neste momento de pandemia.

Agradeço às minhas companheiras de amizade e de curso, Luiza Elena e Luana Cirino, e aos meus amigos, Elisvaldo e Kallís pelo carinho para comigo sempre, me ajudaram a enfrentar os momentos difíceis.

Agradeço à Sr^a Sonisley e ao Sr^o Luís pelo apoio material e manutenção, foi primordial para os meus estudos.

Agradeço profundamente às minhas Orientadoras, Paula e Patricia, pela paciência, resiliência e esforço em somar comigo.

Agradeço ao Eduardo Henrique, pelo companheirismo e cuidado.

Gratidão DEUS!

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à Agroecologia.

À Mãe Natureza, que tudo nos dá.

As Mulheres, e seu poder de Resiliência.

Ao IFB - Instituto Federal de Brasília, *Campus Planaltina*.

Im memorian de uma Grande Mulher, Filha, Mãe, Estudante e Amiga, **Clésia de Souza Andrade**, que o machismo não nos tire a alegria de viver ...

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo caracterizar o perfil socioprodutivo de mulheres do Assentamento da Reforma Agrária 1º de julho em São Sebastião/DF. Para tal, foi realizada a sistematização do processo produtivo de algumas mulheres do Assentamento. Ao compreender que o processo produtivo tem relação direta com as vivências de cada mulher, a pesquisa direcionou-se à história de vida de algumas das mulheres do assentamento 1º de julho. Com isso, visa entender os aspectos de migração realizado pelas mulheres e famílias do Assentamento 1º de julho, especialmente o êxodo urbano, bem como compreender o envolvimento das mulheres com a Agroecologia e com os processos agroalimentares.

Palavras-chaves: Perspectivas Produtivas, Mulheres Assentadas, Êxodo Urbano, Feminismo no Campo.

ABSTRACT

This work aims to characterize the socio-productive profile of women in the first of July settlement in São Sebastião/DF. To this end, the systematization of the productive process of some women in the Settlement was carried out. By understanding that the production process is directly related to the experiences of each woman, the woman, the research focused on the life story of some of the women in the first of July settlement. Thereby, aims to understand the migration aspects, especially the urban exodus, carried out by the women and families of the First of July Settlement, how to understand the involvement of women in Agroecology and in agri-food processes.

Keywords: Productive perspectives, seated women, Urban exodus, Feminism in the countryside.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: Linha do Tempo.....	17
Tabela 02: População Brasileira no Campo – Cidade.....	21
Tabela 03: Síntese do perfil produtivo de mulheres do Assentamento 1º de Julho.....	29

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Mapa do território localizado em São Sebastião.....	14
Figura 02: Planta baixa do assentamento.....	15
Figura 03: Representantes da associação dos moradores.....	15
Figura 04: Sede da associação dos moradores.....	24
Figura 05: Artesanatos feitos pelas mulheres do assentamento 1º de julho.....	28
Figura 06: Agricultora Alana e seu filho Ícaro - Feira do Produtor	30
Figura 07: Parte das mulheres assentadas, com representação da EMATER.....	31

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Esquema da dinâmica vivenciada por mulheres do 1º de julho.....	26
Gráfico 02: Principais áreas de atuação produtiva.....	27

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APP: Áreas de Preservação Permanente.

ASPAF: Associação dos Produtores da Agricultura Familiar.

ASPRI JULHO: Associação das Produtoras e Produtores Rurais 1º de Julho. **CONAB:** Companhia Nacional de Abastecimento.

CONTAG: Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura. **COVID:** Corona vírus.

DIEESE: Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos. **EMATER:** Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal. **INCRA:** Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

MST: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **PAA:** Programa de Aquisição de Alimentos

OMS: Organização Mundial da Saúde.

PNHR: Programa nacional de habitação rural. **PU:** Plano de Utilização da Terra.

PRA: Programa de Assentamento de Trabalhadores Rurais.

SEAGRI: Secretaria da Agricultura.

Sumário

INTRODUÇÃO	11
DESENVOLVIMENTO	13
Metodologia	13
Mulheres: Histórias de luta, resistência e construção da autonomia	19
Perfil Produtivo: Estratégias para organização e comercialização construídas pelas mulheres	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

INTRODUÇÃO

Atualmente a humanidade vive o desafio de conciliar a produção de alimentos e a conservação dos recursos naturais. Nos diferentes ecossistemas do Cerrado, esse desafio encontra-se latente, considerando que esse é o segundo maior bioma brasileiro e que mais de 50% de sua área total encontra-se degradada (Machado et al., 2004). Além disso, o Cerrado é considerado um *hotspot* de biodiversidade, ou seja, uma região muito biodiversa e ao mesmo tempo uma das mais ameaçadas do planeta (Klink e Machado, 2005).

Trata-se de uma região biogeográfica muito rica sociocultural e ecologicamente, sobre a qual avança a fronteira agrícola subordinada ao agronegócio global das *commodities* (Mazzetto Silva, 2009). Neste contexto, torna-se fundamental identificar e estabelecer sistemas agroalimentares que sejam capazes de garantir o abastecimento alimentar e estabelecer conexões entre biodiversidade, alimentação e cultura, considerando a ampliação da agrobiodiversidade regional, bem como, novas relações socioeconômicas no território.

Bergamasco e Norder (1996) entendem os projetos de assentamento rurais como a criação de novas unidades de produção agrícolas, incluindo projetos de assentamento agroextrativistas e florestais aliados à conservação ambiental e com a proposta de inclusão econômica no uso dos bens naturais. Assim, esses espaços geram a oportunidade de reorientar dinâmicas territoriais, considerando a chegada de novas famílias e, muitas vezes, a construção de um entendimento coletivo sobre o uso e manejo da terra, na maioria dos casos, adotando princípios e práticas associadas ao trabalho coletivo ou comunitário na perspectiva da Agroecologia. Ainda trazem novas relações entre campo e cidade.

Este trabalho lança luz sobre as mulheres enquanto sujeitos da Reforma Agrária, camponesas que praticam a Agroecologia. O manejo feminino dos agroecossistemas têm permitido a existência de uma enorme variedade de sementes, alimentos, plantas medicinais e saberes, garantindo renda, soberania e segurança alimentar e nutricional para as famílias. Também mulher camponesa e assentada, a pesquisadora vivencia o cotidiano de mulheres agricultoras do Assentamento 1º de julho, localizado em São Sebastião, Distrito Federal. Assim, traz reflexões a partir de um olhar atento e questionador sobre os meios e modelos de trabalho na geração de renda destas mulheres. A presente pesquisa tem como proposta identificar as perspectivas produtivas e agroindustriais das mulheres, buscando dados que possibilitem

entender as relações entre ser mulher agricultora-camponesa, feminismo e Agroecologia.

A trajetória das mulheres do Assentamento 1º de Julho é marcada por muitas lutas e pela resistência diária. Tal como suas conexões com o Cerrado, de troncos tortos, finos e baixas estaturas, essas mulheres são também resilientes, permanecem fortes e firmes, resistentes aos danos, corajosas nos trabalhos no campo e sempre buscando recursos para geração de renda a partir da terra. Essas mulheres também carregam nas suas histórias de vida e na relação com o campo a intenção de nutrir a terra e gerar vida.

Ao observar a força de trabalho feminino, a pesquisa busca respostas sobre os processos para a produção e aquisição de matéria prima, beneficiamento e posterior entrega e venda de produtos agroindustriais e artesanato. Assim, tem como objetivo entender e fortalecer os processos produtivos através da anotação do que se produziu, consumiu, doou, trocou e vendeu, mostrando a necessidade de se debruçar sobre os sistemas agroalimentares desenvolvidos pelas mulheres agricultoras do Assentamento rural 1º de julho.

A partir desta análise, desenhamos o perfil socioprodutivo de mulheres do assentamento. Ao compreender que o processo produtivo tem relação direta com as vivências de cada mulher, a pesquisa também navega um pouco nas histórias de vida de algumas das mulheres do Assentamento 1º de julho. Com isso, construímos a reflexão sobre os aspectos de migração, especialmente o êxodo urbano, realizado pelas mulheres e famílias do Assentamento 1º de julho, bem como buscamos compreender o envolvimento das mulheres com a Agroecologia e com os processos agroalimentares. Ao longo do processo de pesquisa-ação, buscamos ainda reconhecer o protagonismo das mulheres camponesas nos processos Agroindustriais, apoiar a organização das mulheres e valorizar o seu trabalho, fomentando os processos socioprodutivos.

DESENVOLVIMENTO

Metodologia

O Assentamento 1º de julho está localizado na BR 251 KM 32, Colônia Agrícola Aguilhada, Região Administrativa de São Sebastião, Brasília - DF, a cerca de 34 quilômetros do centro da Capital Federal. A consolidação do assentamento é fruto de luta contínua e árdua. A organização das famílias em torno da luta pela terra contou com a contribuição de movimentos sociais ligados à reforma agrária. O movimento mais presente foi a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG), que esteve à frente da ocupação e demandas referentes à aquisição da terra. Em meados de 2013 foi criado o Programa de Assentamento de Trabalhadores Rurais (PRAT). Foi a primeira vez em 53 anos em que a Companhia Imobiliária de Brasília (Terracap) repassou terras públicas para a Reforma Agrária.

Em 2015, o Governo do Distrito Federal aprovou o então Projeto de Assentamento 1º de Julho, cuja área já havia sido reconhecida pelo Instituto de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) por meio da Portaria SR 28 nº 07 em 27 de fevereiro de 2014. No dia 24 de março de 2015, às famílias selecionadas receberam a última notificação com aprovação de cadastro e garantia do direito à permanência na área de 476 hectares (Figuras 01 e 02).



Figura 01- Área do território localizado em São Sebastião, na DF 251 KM. Fonte: Google Maps 2020.

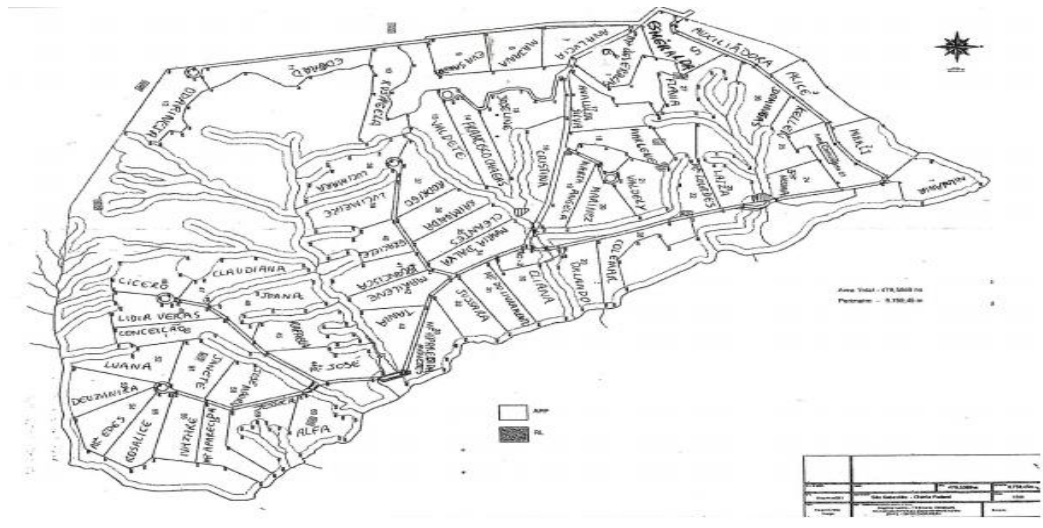


Figura 02: Planta baixa do assentamento, Área total: 476 ha. Fonte: EMATER-DF

O assentamento foi inicialmente liderado por um companheiro, Gilberto Euprides Gomes, que, por conflitos locais, afastou-se dos processos organizativos. Sua ex-companheira conjugal, Eliana Fontenelle, por ser figura presente nas lutas e causas relacionadas a aquisição de terras em prol dos assentados, foi reconhecida como líder e posteriormente, nomeada presidente da Associação dos Moradores, através do voto da maioria assentada no Assentamento 1º de Julho. Uma mulher que vem liderando a comunidade até os dias de hoje.



Figura 03- Representantes da associação dos moradores. Fonte: Arquivo pessoal.

Entre as conquistas comunitários empreendidas pela Associação, pode-se destacar as articulações com órgãos de regularização fundiária, acesso à infraestrutura local, segurança, saúde e acesso a maquinários para as famílias, como trator e implementos agrícolas, além da

assistência técnica prestada pela Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Distrito Federal (EMATER), que realiza visitas técnicas regulares, cursos e oficinas na área.

Do ponto de vista da infraestrutura, ressalta-se os avanços na implementação e manutenção de estradas dentro do assentamento, na divisão das parcelas para as famílias cadastradas no processo de reforma agrária e na instalação de energia e água. Ainda hoje, uma das maiores dificuldades é o acesso à água, tanto para consumo próprio, quanto para irrigação, especialmente em determinadas áreas onde o Córrego do Quilombo não passa. Este córrego é de grande importância para a comunidade, em razão da fauna e vegetação nas proximidades dele, dentre outros aspectos, como a possibilidade de nutri áreas de cultivo agropecuário. O Córrego tem um percurso corrente que desagua em diversos locais, além das minas em alguns pontos que desaguam no mesmo. Contudo, não existe poço para captação de água. Sendo assim, a água é um bem limitado entre as famílias. Alguns marcos do processo de constituição do assentamento podem ser observados na Linha do Tempo que sintetiza os principais acontecimentos do Assentamento 1º de Julho (Tabela 01).

Linha do Tempo

ANO	ACONTECIMENTOS
2013	Luta pela terra: Marco zero - Acampamento nas proximidades, hoje Assentamento Camapuã; 1º Derrubada dos barracos pela fiscalização; 2º Derrubada dos barracos pela fiscalização; Criação da Associação Comunitária: ASPRI JULHO; Eliana Fontenelle líder eleita pelos moradores como presidente da associação; Chegada da Assistência técnica da EMATER; Criou-se e aprovou o Projeto de Assentamento Distrital 1º de Julho pelo Programa de Assentamento de Trabalhadores Rurais (PRAT).
2014	Acampamento de 3 (três) dias na Secretaria de Agricultura do Distrito Federal para pressionar a criação do assentamento; Portaria da Superintendência Regional 28 do INCRA reconhecendo a área do Assentamento; Notificação e processo de seleção para definir contemplados; Estradas e topografia das 60 parcelas.
2015	Entrega dos termos de posse provisório aos 60 assentados; Instalação de energia elétrica pela Companhia Elétrica de Brasília (CEB); Transporte escolar rural; Entrega das parcelas para as 60 famílias (critério de escolha de cada parcela foi em ordem de chegada).

2016	Fortalecimento de políticas públicas locais; Casa Rural, Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR), em andamento até o momento da pesquisa.
2017	Elaboração do Cadastro Ambiental Rural (CAR) das propriedades; Entrega de maquinário agrícola e implementos pela Secretaria da Agricultura (SEAGRI); Perfuração de dois poços artesianos de uso comunitário.
2018	Entrega de 30 cisternas para captação de água da chuva, Projeto Cáritas Arquidiocesana de Brasília.
2019	Exposição em diversas feiras de produtor rural; Venda da produção para o Programa de Aquisição de Alimentos - Companhia de Abastecimento (PAA- CONAB).
2020	Pandemia - COVID-19: uso de máscaras e distanciamento social em todo o mundo e também no assentamento; Entrega de 60 caixas de água de 5 mil litros pela Secretaria da Agricultura; Elaboração do Plano de Utilização da Terra (PU) Pela EMATER e SEAGRI.

Tabela 01-Linha do tempo. Fonte: Elaboração própria, 2020.

Sobre os processos produtivos no assentamento, em sua maior parte, estão centrados em plantios agrícolas e venda direta dos produtos. Nessa pesquisa fizemos o exercício de analisar os movimentos realizados pelas mulheres nas vendas de produtos agroindustrializados, como: pães, geleias, compotas, licores, doces, bolos, ovos, pizzas, dentre outros.

Esse estudo foi desenvolvido em parceria com o Núcleo de Estudos em Agroecologia NEA Candombá e com o projeto Flores do Campo, a qual se mostrou pertinente para a realização da pesquisa. O NEA Candombá é um grupo de Ensino-Pesquisa-Extensão sediado no *Campus* Planaltina do Instituto Federal de Brasília-IFB. O projeto Flores do Campo é uma ação protagonizada por estudantes do Ensino Médio Integrado em Agropecuária do Instituto Federal de Brasília *Campus* Planaltina, com apoio da Embaixada Americana, que busca fortalecer mulheres do campo.

O projeto Flores do Campo nasceu do programa *STEAM Power for Girls*, que possibilitou uma imersão voltada para meninas destaques entre 14 e 17 anos, estudantes do Ensino Médio dos Institutos Federais do DF e regiões, fomentando práticas através do STEAM (sigla em Inglês para Ciência, Tecnologia, Engenharia, Artes e Matemática). O programa inspira-se sobretudo na experiência do Instituto Gloria, desenvolvida em 2018, onde uma inteligência artificial (um Robô denominada Glória) é capaz de coletar, analisar, intervir e educar em questões relacionadas à violência contra as mulheres, empoderando mulheres e garotas do mundo todo. A estudante Brenda Geovana Pereira Mateus, participante do projeto

e estagiária do NEA Candombá, colocou-se como facilitadora para o desenvolvimento de uma conexão entre as mulheres do assentamento através de medidas educativas voltadas à educação financeira.

É importante ressaltar que foram necessárias algumas mudanças na metodologia deste estudo, impostas pelo momento vivenciado por todos. A pandemia que se caracterizou como COVID-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2, transformou a vida de todos, mundialmente, assim como dos estudantes do IFB e das mulheres do Assentamento, com implicações na maneira como esses sujeitos vivem e trabalham, afetando seu bem-estar físico e mental. No presente momento, o mundo está voltado aos cuidados em não se contaminar ou transmitir o novo Corona vírus, reforçando o uso de máscaras faciais, higienização de objetos, dos alimentos e, principalmente das mãos, além do distanciamento social entre todos. Especial atenção é dada ao cuidado e proteção dos grupos de riscos, caracterizados pelos idosos, gestantes e doentes crônicos. Dados de 07 de março de 2021 mostram que o Brasil tinha 11.051.665 casos de contaminação. O Distrito Federal chegou aos 308.539 mil casos de contaminação (Fonte: CSSE JHP).

Os processos e vivências desta pesquisa, portanto, contextualizam-se em um momento tão difícil e desconhecido pela humanidade. Em tal momento, evidencia-se a importância de pesquisas e debates acerca da adaptação às novas realidades em torno de temáticas como: alimentação saudável, sistemas de criação animal, relação sociedade-natureza, sistemas agroalimentares e mercados. Tudo isso tende a recolocar a Agroecologia no epicentro das discussões (ALTIERI e NICHOLLS, 2020).

Como estava prevista a realização de pesquisa de campo, o contexto contemporâneo exigiu processos criativos para viabilizar novas formas de pesquisa e vivências com as agricultoras do assentamento, mediadas por relações à distância. Ao identificar o perfil das sujeitas da pesquisa e as limitações em relação aos meios de comunicação e interação, o principal desafio foi realizar a pesquisa de forma remota, esperando adesão espontânea e compromisso das mulheres, de forma leve e acolhedora.

Para o levantamento e organização das informações delineamos uma pesquisa-ação com uso de dois questionários online como ferramentas iniciais de produção de dados. O primeiro deles voltado para questões biográficas e o segundo mais direcionado ao perfil produtivo. Os diálogos não presenciais foram facilitados pela criação de um grupo no WhatsApp em que

participam as mulheres agricultoras e o grupo de pesquisa composto por estudantes e docentes vinculadas ao NEA Candombá e ao projeto Flores do Campo, para partilha das experiências vivenciadas.

Seguidamente aos questionários foram realizadas entrevistas semiestruturadas e observação participante junto a um número reduzido de mulheres, limitadas pela situação atual de pandemia. O fato de a pesquisadora residir na mesma região das sujeitas de pesquisa facilitou a realização de tais atividades presenciais, proporcionado e assegurando-se das medidas de segurança em contexto pandêmico de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) com uso de máscara de proteção, distanciamento mínimo de 1 metro das pessoas, lavagem das mãos com frequência, uso do álcool em gel 70%.

Os instrumentos metodológicos compreendem temas pertinentes às áreas de processos agroindustriais, soberania alimentar, relações socioambientais e econômicas, produções agroecológicas, extrativismo consciente, saberes tradicionais, feminismo camponês, experiências e desafios da mulher do campo e cooperativismo. Tiveram como objetivo o levantamento do processo produtivo desempenhado pelas mulheres, tanto no campo do manejo dos agroecossistemas, quanto de todo o processo de beneficiamento dos alimentos, ou seja, desde o plantio até os produtos desenvolvidos.

Durante as entrevistas também investigamos como são realizados os processos de comercialização protagonizados pelas mulheres, como o escoamento para as feiras. Ao todo, participaram da pesquisa onze mulheres assentadas no 1º de julho, dentre elas, dez responderam ao questionário relacionado ao perfil produtivo. Com base nessas informações traçamos o perfil socioeconômico destas mulheres.

A análise dos dados foi realizada através de uma metodologia descritiva e interpretativa. A análise articula histórias de vida e tipo de produção agroindustrial praticada, buscando compreender atividades de plantio, extrativismo, uso de insumos e aplicação da força de trabalho. A produção agroindustrial é analisada considerando a diversidade dos espaços produtivos: lavouras, hortas, pomares, cozinhas e quintais; levando em conta também as produções de artesanatos. Mapeou-se ainda as estratégias de troca e venda da produção, como PAA-CONAB, venda direta em feiras, mercados, dentre outros.

Trata-se de uma pesquisa-ação, que visa também fortalecer a organização

socioproductiva das mulheres. É uma metodologia participativa e crítica de práticas científicas convencionais e de seus aspectos de dominação, de desconhecimento, aproveitamento ou extorsão do saber popular (THIOLLENT e SILVA, 2007). Em nossa compreensão, a pesquisa e a extensão rural estão conectadas. Assim, as mulheres agricultoras são protagonistas autoras da pesquisa e dos processos de intervenção (VERDEJO, 2010). Nesse sentido, foram desenhadas, a partir das demandas e dos desafios apontados pelas mulheres agricultoras, propostas de oficinas com temáticas relacionadas à educação financeira. A realização das oficinas está projetada para o ano de 2021 e faz parte das metas do projeto Flores do Campo. As oficinas visam apoiar as mulheres camponesas na precificação, economia doméstica, organização e planejamento de investimentos financeiros.

Mulheres: Histórias de luta, resistência e construção da autonomia

Muitas das mulheres do Assentamento 1º de Julho experienciam um movimento de retorno ao campo que se contextualiza em um cenário nacional, como mostra a tabela abaixo, que visibiliza a evolução da população brasileira entre os anos de 1981 e 1990, visitando os contingentes populacionais no campo e na cidade.

População Brasileira no Campo Cidade

	População (milhão de pessoas)				Taxa crescimento (% ao ano)		
	1981	1992	1996	1999	1981/92	1992/99	1996/99
URBANO	85,2	113,4	122,4	127,8	2,6 ***	1,7 ***	1,4 ***
Ocupados ^b	31,7	46,5	50,4	52,8	3,6 ***	1,8 ***	1,5 ***
Agrícola	2,6	3,7	3,4	3,4	3,3 ***	-1,6 ***	-0,2
Não-agrícola	29,1	42,9	47,0	49,3	3,6 ***	2,0 ***	1,6 ***
RURAL	34,5	32,0	31,7	32,6	-0,7 ***	0,2 ***	1,1 ***
Ocupados	13,8	14,7	13,9	14,9	0,6 ***	-0,2 ***	2,1 **
Agrícola	10,7	11,2	9,9	10,2	0,4 ***	-1,7 ***	0,4
Não-agrícola	3,1	3,5	4,0	4,6	1,2 ***	3,7 ***	6,1 **
Total	119,7	145,4	154,0	160,3	1,8 ***	1,4 ***	1,3 ***

Fonte: Tabulações especiais das PNADs de 1981 e de 1992 a 1999, Projeto Rurbano, novembro 2000.

Tabela 02 - Evolução da população brasileira no campo e na cidade.

Ao final dos anos de 1990, o êxodo rural perde espaço para a permanência dos povos

agricultores. Há o movimento de retorno ao campo, ou, êxodo urbano. No caso das mulheres entrevistadas, percebe-se que esses movimentos migratórios são motivados pela ligação que elas têm com a vida camponesa, o orgulho de poder trabalhar com a terra. O retorno também parece estar relacionado a uma busca por um contexto social vivenciado na infância destas mulheres, assim como pelo ideal de soberania alimentar e pela possibilidade de desfrutar de momentos de conexão e felicidade junto à natureza. Algumas delas vivenciam um movimento pendular entre campo e cidade: mantêm seus trabalhos formais nas cidades para complementar a renda e, por desejo e em um movimento ancestral, desenvolvem atividades camponesas no assentamento.

Atualmente, a vivência no campo é um dos principais sonhos, quando se fala em projeto de vida e ideal de felicidade. Plantar e colher o seu próprio alimento, além da possibilidade de venda do excedente, é um dos elementos que se destaca neste contexto. O regresso da população urbana para o campo se intensifica no período de pandemia pelo qual o mundo está passando, não só pela necessidade de distanciamento social, mas pela busca de bons hábitos alimentares. Espaço e qualidade de vida, viver no campo coloca-se como caminho para evitar o estresse das cidades, uma busca pela saúde física e mental. (DELLANO.2021).

Nas entrevistas e vivências com as mulheres do assentamento, ganha destaque a vontade de ter o seu próprio negócio a partir da relação com a terra. São diversas formas de geração de renda a partir da terra, tais como o plantio diversificado de cultivares, como a mandioca, banana, abóbora, café, feijão, limão, dentre outras, a criação de animais, dentre os quais: porcos, galinhas, gado, cavalos, peixes. O extrativismo expresso na coleta de jenipapo, tamarindo e folha de bananeira para os licores e artesanato. O beneficiamento de alimentos se dá por meio da panificação, produção de geleias, biscoitos, dentre outros produtos. Além disso, tem a socialização e o lazer. Anteriormente à pandemia da COVID-19, as famílias recebiam seus parentes e amigos em suas propriedades. Deste modo, também se pode visualizar um crescente incremento de atividades que demonstram o respeito à biodiversidade e ao cultivo orgânico, fortalecendo os sistemas Agroecológicos.

A existência de uma tendência de regresso para o meio rural por parte da população urbana, esse processo de êxodo urbano e gentrificação rural, pode ser visto como um potencializador de desenvolvimento rural. A procura por uma melhor qualidade de vida e a proximidade do ser humano com o meio ambiente tem um papel importante num país

fortemente marcado pela sua ruralidade (RIBEIRO, 2013).

As mulheres da comunidade 1º de julho falam ainda sobre o sentido de pertencimento à terra. Estar na terra não é só uma questão de trabalho e renda, existe o resgate ao movimento camponês e à ancestralidade. Os movimentos sociais do campo ressaltam essa dimensão da relação com a terra. A cada ano, tem se consolidado o protagonismo das mulheres nos movimentos camponeses. Há inúmeros exemplos de conquistas neste sentido, provavelmente um dos mais expressivos é o movimento pelo direito à terra. Como exemplo temos a Marcha das Margaridas, realizada sempre em Brasília, como forma de resistência, luta e defesa de direitos das mulheres camponesas, idealizada e organizada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG).

Podemos representar o movimento vivenciado pelas mulheres do assentamento 1º de julho por meio de aspectos que se relacionam de modo circular, desde as perspectivas agroalimentares, passando pelo êxodo urbano até as mudanças na perspectiva da emancipação econômica (Gráfico 01).



Gráfico 01-Esquema da dinâmica vivenciada por mulheres do 1º de julho. Fonte: Elaboração autoral

O protagonismo feminino nos movimentos sociais camponeses e nos assentamentos rurais coexiste com o machismo estrutural. Ser mulher à frente das demandas comunitárias não é fácil. No assentamento 1º de julho, a maioria das parcelas do Assentamento é chefiada por mulheres. Contudo, a figura masculina por vezes descaracteriza e deslegitima o trabalho prestado pela mulher na lida com o maquinário nas propriedades.

As atitudes machistas chegaram ao extremo do desrespeito ao voto da maioria dos assentados na escolha da presidência da Associação. Às escuras, um grupo de homens articulou o movimento de implantar uma segunda Associação gerida por uma figura masculina. A segunda associação, denominada Associação dos Produtores e Agricultura Familiar (SEPAF), foi criada em 2018 por lideranças masculinas em contraposição ao protagonismo feminino na comunidade, no segundo mandato da então presidente e líder do assentamento.



Figura 04 – sede da Associação das Trabalhadoras e dos Trabalhadores e familiares do Assentamento 1º de Julho

Tal atitude pode ser compreendida como desvalorização do papel da mulher, diminuindo sua história e seu trabalho nos cargos de confiança. O assentamento 1º de julho sempre teve mulheres à frente dos cargos de liderança. E essas mulheres sempre vivenciaram o machismo nas relações interpessoais dentro do assentamento.

Os movimentos feministas, assim como diversos outros, trazem novos marcos de justiça contra o patriarcado. Reivindicações feministas no Brasil da década de 1970 abriram caminho e legitimaram as lutas das mulheres com o foco na educação, trabalho, saúde, segurança e outros

aspectos, como as condições das mulheres agricultoras e camponesas. Situações que eram consideradas normais em gerações anteriores hoje não são toleradas. Ao se identificar uma ação de injustiça contra a mulher, há uma busca por reparação (SILIPRANDI, 2009).

Como mostra o Anuário da Mulheres Brasileiras, publicado pelo Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), 80% das mulheres que residem em área rural em 2011 tinham renda menor que um salário mínimo ao mês, trazendo apontamentos para a atualidade. Dos 27,1% de empregos permanentes da agropecuária, somente 5,1% eram ocupados por mulheres. Aos empregados temporários, os homens contabilizam 17% contra 6,1% das mulheres. A maior estatística que as mulheres lideram é no trabalho não remunerado, de 30,7%, o que significa que as mulheres trabalham nas lavouras, mas sem ganho monetário contra 11,1% de homens na mesma posição (DIEESE, 2011, p. 96,98,105,106,134).

Por meio das informações levantadas junto às mulheres, compreendemos que existem barreiras a serem quebradas na geração de renda monetária e não monetária através da produção agroindustrial das agricultoras do Assentamento 1º de julho. Essa pesquisa-ação visa agregar conhecimento no contexto socioproductivo, facilitando ganhos futuros na produção agroindustrial das mulheres nos processos agroalimentares, trazendo reconhecimento e fortalecimento do trabalho no campo, emancipação e liberdade das mulheres. Fomentando a sororidade entre as mulheres através do seu amor pela terra e seu engajamento na produção de alimentos, acredita-se atuar pelo fortalecimento da autoestima e emancipação econômica das mulheres agricultoras e camponesas do assentamento 1º de julho.

Perfil Produtivo: Estratégias para organização e comercialização construídas pelas mulheres

Das 60 parcelas do assentamento, cinquenta e cinco (55) estão em nome das mulheres assentadas (dados verificados junto a Associação ASPRI DEJULHO e pela EMATER- São Sebastião-DF). Entretanto, na maioria das parcelas, a maior parte da renda monetária é proveniente da figura masculina, geralmente dos maridos/companheiros. Contudo, ao ampliar o foco para a percepção da renda não monetária, percebe-se que as mulheres contribuem significativamente para a geração de renda da família. Ocorre que a figura masculina se apropria dos serviços prestados pelas mulheres, desconsiderando os trabalhos domésticos, a contribuição

na lida com a terra, vendas, cuidados com os filhos e afins. Se esse trabalho fosse contabilizado, certamente comportaria uma fatia considerável da renda familiar.

Ainda cabe ressaltar que muitas mulheres também têm ocupações fora da área rural, além das que são aposentadas. Nessa perspectiva, podemos afirmar que a renda obtida através do trabalho feminino é considerada de sub importância na geração da renda familiar, seja ela monetária ou não monetária. Tal situação coloca as mulheres em um lugar de “menor valor” na relação familiar, enquanto, na verdade, elas são as verdadeiras responsáveis por garantir a segurança e soberania alimentar, além de outros cuidados relativos à família.

A divisão de gênero no trabalho é uma constante no decorrer das trajetórias das mulheres e homens. Nesse contexto, o trabalho feminino ainda não recebe a mesma visibilidade e valorização, muito menos a remuneração que o trabalhador masculino tem recebido. Esta pesquisa lança um olhar ao trabalho camponês feminino, trazendo assim a relevância do papel desempenhado pela mulher nas ações e trabalhos no campo (SANTOS, 2019).

No Assentamento 1º de Julho, o plantio de cultivares destaca-se dentre as principais formas de geração de renda. Nas propriedades com abundância de água, a produção está centrada na olericultura, através de diversos cultivos, como abóbora, feijão, limão, melancia, maracujá, milho, hortaliças e também na criação de animais, como porcos e galinhas. A produção resultante do plantio local é escoada através de mercados, feiras e PAA-CONAB.

A menor parte é destinada ao beneficiamento. Aquelas que não possuem água em abundância para irrigar a produção vegetal, dedicam-se à coleta de frutos do Cerrado, panificação, confeitaria, produção de licores e artesanato (Costura criativa, bordados, uso da fibra de bananeira para tapetes, cestos e mais).

A degradação dos bens naturais, como resultado do uso da terra como pastagem para gado anteriormente ao estabelecimento do assentamento, destaca-se como fator limitante à produção agropecuária. Atualmente o Cerrado está em processo de regeneração, especialmente nas áreas de Áreas de Preservação Permanente (APP's). Mas, ainda se verifica a indisponibilidade de água em diferentes propriedades, o que influencia as escolhas produtivas e, conseqüentemente, nos diferentes perfis produtivos entre as mulheres.

Quanto maior a distância dos pontos de água, menor a possibilidade de sucesso com o plantio nas parcelas. Sendo assim, a maior porcentagem das mulheres gera renda através do

processamento de alimentos e artesanato.



Figura 05 – produtos agroindustriais e artesanais das mulheres do Assentamento 1º de Julho

Enfim, o território apresenta aspectos ambientais desfavoráveis à prática da agricultura, devido à presença de área degradada e solos jovens em processo de intemperização, na rua maioria rochosos e ácidos. Ademais, poucos recursos são ofertados para melhoria dos solos e áreas de plantio, o que seria uma fraqueza. Contudo, isso é ressignificado pelas mulheres, que construíram a oportunidade de geração de renda através do beneficiamento de alimentos, como a fabricação de bolos, licores, geleias e biscoitos artesanais.

Analisando o quadro abaixo, que sintetiza o perfil produtivo de mulheres do 1º de julho (Tabela 03), podemos dizer que o extrativismo ainda é pouco explorado. As mulheres que praticam o artesanato, além das sementes coletadas, fazem o uso de fibras de bananeira usadas na produção de bolsas e afins.

Perfil produtivo

AGRICULTORAS	OCUPAÇÕES	PRODUÇÃO	EXTRATIVISMO	BENEFICIAMENTO	CANAIS DE VENDA
ALANA	Agricultora Artesã Representação em políticas sociais da Associação	Geleias Licores Biscoitos Pães Bolos Artesanato	Fibra de bananeira	Frutas Sementes Farinha Cachaça Mandioca e etc	Feiras Venda direta Redes Sociais Trocias
ALICE	Agricultora Dona de casa	Bolos Biscoitos Pães de queijo Artesanato	Fibra de bananeira	Mandioca Milho Farinha	Feira Venda direta

ELIANA	Agricultora Manicure Presidente da associação	Hortaliças Frutas Abóbora Mandioca Feijão Bananas e etc	Sementes compradas / troçadas		Feiras PAA- CONAB Venda direta Trocas
ELIZANGELA	Agricultora Empreendedora	Morangos Flores			Mercados Venda direta
ESMERALDA	Agricultora Aposentada Viveiricultora Tesoureira da Associação	Viveiro de mudas Hortaliças em geral			Feiras Mercados PAA- CONAB
JANETE	Agricultora Dona de casa	Carne de Porco, Galinha e Ovos caipira Mandioca			Feira Venda direta Mercados
JESSICA	Agricultora Dona de casa	Biscotos Mandioca Artesanatos		Farinha Mandioca	Mercados Feiras Venda direta
MARIA	Agricultora Dona de casa	Frutas Hortaliças Peixe Doces		Frutas	Mercados PAA- CONAB Venda direta
RAFAELA	Agricultora Estudante Consultora Costureira Supente na Políticas sociais da Associação	Geleias Biscoitos Licores Compotas Bolos	Cagaita Jenipapo Tamarindo Jatobá e etc	Frutas Sementes Farinha Cachaça etc	Venda direta Feiras Redes Sociais Trocas
ROZALICE	Agricultora, Diarista Secretaria Associação	Ovos caipiras Aboboras			PAA- CONAB Feiras Venda direta

Tabela 02- Quadro síntese do perfil produtivo de mulheres do Assentamento 1º de Julho

Entre as moradoras é recorrente o hábito da troca de sementes e outros insumos produtivos. Troca-se também os produtos por elas gerados. Há uma compreensão positiva sobre as trocas, já que trazem fortalecimento e união entre as mulheres do território. A partir de uma reflexão sobre o papel que essas mulheres desenvolvem em relação ao ambiente onde vivem, elas manejam a terra de forma diferenciada. Existe uma lógica solidária e coletiva de trabalho. Assim, mesmo que elas ainda não se reconheçam como promotoras do movimento agroecológico, talvez por desconhecerem o conceito, carregam os princípios agroecológicos nas práticas que vem desenvolvendo. Essas mulheres são sementes para a construção da Agroecologia no território. Elas já compreendem a necessidade de estabelecimento de uma nova prática social e produtiva, e têm buscado conhecimentos sobre as questões relacionadas ao tema. Assim, elas já fazem agroecologia sem usar essa denominação para a sua prática cotidiana.

A produção é comercializada pelas agricultoras em feiras, nas quais participam ao menos duas vezes por semana, quando é designada uma das agricultoras para levar a produção de todas e realizar as vendas nas feiras de produtores rurais.



Figura 06 - Agricultora Alana e seu filho Ícaro - Feira do Produtor - DF.

Ainda existe o sistema de encomendas, mais associado às vendas de bolos, pães e afins. No Assentamento, o excedente da produção é destinado e vendido para o PAA- CONAB. Muitas famílias ainda têm dificuldade de sobreviver com a renda da terra, sendo

necessários trabalhos externos para complementar a renda e cobrir os gastos da família e a aquisição de insumos para manter a propriedade. A renda extra é obtida através de trabalhos como manicure, diarista, cozinheira, costureira e outros.



Figura 07-Parte das mulheres assentadas junto a presidente da Emater- DF, Denise Fonseca. Fonte:Pagina da EMATER- DF.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo evidenciou a centralidade das mulheres no percurso organizativo, sociopolítico e produtivo da comunidade. Em especial, nossos resultados apresentam a contribuição das mulheres para a constituição da renda familiar, mesmo que muitas das vezes esse papel seja invisibilizado. Além da atuação na parcela, a maioria das mulheres exercem atividades externas para complementação da renda familiar, sendo esses trabalhos formais ou informais. Essa sobrecarga pode influenciar diretamente na saúde física e mental das mulheres, uma vez que, além do acúmulo de atividades, elas também precisam lidar com as incertezas econômicas. Assim, mesmo que elas tenham praticado o êxodo urbano, muitas ainda mantêm a relação com as cidades vizinhas, dentre as mais próximas do Assentamento estão: Jardim Botânico, Lago Sul, Plano Piloto, para garantir parte do sustento por meio do trabalho na área urbana.

Ainda assim, verificamos que as mulheres são responsáveis pela estruturação de estratégias de diversificação produtiva, o que representa a capacidade de organização e criatividade. Esse fato aponta para a necessidade latente de reconhecimento e fortalecimento da mulher agricultora/camponesa. As mulheres contribuem para o desenvolvimento de estratégias para a construção dos sistemas agroalimentares mais sustentáveis e democráticos. Isso se evidencia nas lógicas femininas de cuidados desde o solo à semente, até a mediação com consumidores, tecendo formas diferenciadas de troca e comercialização. Essas atividades contribuem para o fortalecimento dos sistemas produtivos e da agroindustrialização mediadas pelas mulheres.

O diálogo com as mulheres permitiu reconhecer que as mesmas têm buscado reivindicar a equidade dentro dos espaços do assentamento, sejam eles as representações formais, como a associação, até os espaços domésticos, na divisão dos trabalhos dentro da família e, principalmente, com seus cônjuges.

As mulheres estão em busca de novos saberes e a implementação de inovações. Durante o processo de pesquisa foi possível perceber que, mesmo durante a pandemia, elas estavam participando ativamente de cursos e desenvolvendo modelos de negócios que pudessem acontecer de forma remota. Destaca-se entre esses, o uso das redes sociais como o Instagram, oportunizando o impulsionamento das vendas dessas agricultoras.

Estudos futuros podem aprofundar na sistematização dos sistemas agroalimentares protagonizados pelas mulheres, desenvolvendo um detalhamento mais criterioso sobre entradas e saídas, monetárias e não monetárias. Tal sistematização poderia contribuir com o entendimento das relações de associativismo e cooperação estabelecidas, tentando contribuir com a construção de uma rede de apoio entre as mulheres, tanto para a construção dos processos produtivos, quanto para facilitar o trabalho coletivo e a união entre elas. Entre os temas que ainda precisam ser mais bem dialogados junto às mulheres está a Agroecologia, pois, mesmo que as mulheres já apresentam uma lógica diferenciada de manejo da sua parcela, ainda seria necessário aprofundar no entendimento e adoção de práticas agroecológicas.

Por fim, é importante considerar que essa pesquisa aconteceu durante a pandemia. Isso fez com que houvesse vários fatores limitantes para a interação com as mulheres. Muitas atividades que seriam realizadas de forma presencial aconteceram através dos grupos de WhatsApp. Elaboração de links com perguntas relacionadas a produção e vivências no campo, entrevistas virtuais realizadas através da parceria entre o Projeto Flores do Campo, o NEA Candombá e ainda a participação da EMATER/DF, que auxiliou ao longo do trabalho aqui realizado. Assim, nem sempre foi possível celebrar com tamanha força e coragem cada dia no campo. Ainda assim, conseguimos estabelecer o diálogo entre a pesquisadora e as mulheres, construindo uma rede de apoio e o cumprimento das demandas estabelecidas. As vivências e oficinas planejadas e sonhadas terão de aguardar um novo cenário, mais favorável às interações sociais. Assim, esperamos que o processo siga, em acordo com o compromisso assumido junto às mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DIEESE. Anuário das mulheres brasileiras. São Paulo: DIEESE, 2011.
- ALTIERI, Miguel; NICHOLLS, Clara I. La Agroecología en tiempos del Covid-19. *Centro Latinoamericano de Investigaciones Agroecológicas*, 2020.
- BERGAMASCO, Sônia M.; NORDER, Luiz A. C. **O que são assentamentos rurais**. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BOLFE, Édson L.; SANO, Edson E.; CAMPOS, Silvia K. Dinâmica agrícola no cerrado: análises e projeções. **Embrapa Informática Agropecuária-Livro Científico**, 2020.
- CHAVES, Anna B. C. C. et al. Estratégias de enfrentamento, reflexões e orientações na pandemia covid-19,2020.
- CHECKLAND, Peter; HOLWELL, Sue. **Information, systems, and information systems**. Chichester: John Wiley & Sons, 1998.
- CLAUDINO, Livio S. D. Impactos dos primeiros meses de pandemia de Covid-19 para a agricultura familiar paraense e como a Agroecologia pode apoiar a superação. **Ambiente: Gestão e Desenvolvimento**, v. 1, n. 1, 2020, pp. 40-54.
- DEL GROSSI, Mauro E.; CAMPAGNOLLA, Clayton; DA SILVA, José G. O fim do êxodo rural? In: **Embrapa Meio Ambiente-Artigo em anais de congresso**. In: São Paulo, FGV, ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA POLÍTICA, 6, 2011, p. 1-12.
- FERREIRA, Ana Paula; SCHOTTZ, Vanessa. Intercâmbio e sistematização de experiências protagonizadas por mulheres. **Mulheres e Agroecologia: sistematizações de experiências de mulheres agricultoras**, v.1, 2010.
- FERRINHO, Paulo. Impacto da pandemia de COVID-19 na vida dos estudantes da Nova- IHMT. **Anais do Instituto de Higiene e Medicina Tropical**, v. 19 ,p. 50-54.
- KLINK, Carlos A.; MACHADO, Ricardo B. Conservation of the Brazilian Cerrado. **Conservation biology**, v. 19, n. 3, p. 707-713, 2005.
- ALVES, Luciana M.; ALVARENGA, Camila; CARDOSO, Elisabeth; CASTRO, Nayara de; SAORIA, Sheyla; TELLES, Liliam. **Cadernetas Agroecológicas e os quintais**: sistematização da produção das mulheres rurais no Brasil. Minas Gerais:

Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata, 2018.

MACHADO, Ricardo. B.; RAMOS, M. B.; NETO, P. P. Cerrado brasileiro. **Conservation International do Brasil**, Brasília. Janeiro 2004.

MAZZETO SILVA, Carlos E. Ordenamento Territorial no Cerrado brasileiro: da fronteira monocultora a modelos baseados na sociobiodiversidade. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, n. 19, jan./jun. 2009, pp. 89-109.

PINTO, João Paulo C. Os "neo-rurais" na região do "Douro Verde" impacte social, económico e cultural. Cidade do Porto: Dissertação de Mestrado [Universidade do Porto], 2015.

RIBEIRO, Paulo J. M. **Êxodo urbano, gentrificação rural e o futuro da paisagem**. Lisboa: Tese de Doutorado [Universidade Técnica de Lisboa]2013.

SANTOS, Lusivânia A. dos; NOVAES, Fabiana F. **Mulher camponesa: uma luta por visibilidade e direitos no meio rural**. Goianésia, Artigo Científico [Faculdade Evangélica de Goianésia], 2019.

SILIPRANDI, Emma. **Mulheres e Agroecologia: a construção de novos sujeitos políticos na agricultura familiar**. Brasília: Tese de Doutorado [Universidade de Brasília], 2009.

THIOLLENT, Michel.; SILVA, Generosa O. **Metodologia de pesquisa-ação na área de gestão de problemas ambientais**. Rio de Janeiro: Reciis, 2007.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e pesquisa**, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.

VERDEJO, Miguel. E. **Diagnóstico Rural Participativo: guia prático DRP**. Brasília: MDA / Secretaria de Agricultura, 2010.

VÍDEO e LINKS VISITADOS:

CADERNETAS AGROECOLÓGICAS, **Um instrumento político pedagógico**. Novembro de 2018. Site disponível em: <<https://ctazm.org.br/bibliotecas/cartilha-cadernetasagroecologicas-267.pdf>> Acesso em 20/01/2020.

CSSE JHU. Center for Systems Science and Engineering at Johns Hopkins University. Disponível em <<https://github.com/CSSEGISandData>>. Acesso em 07/03/2021.

DLLANO, Pablo. A utopia urgente de voltar para o campo: Site disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2021/01/20/eps/1611145093_375643.html>. Acesso em 07/03/2021.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, **Casa Civil**. 11 de julho de 1997. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d2250.htm>. Acesso em 25/10/2020.

RITA, V. Hunty. Tempero Dreg: **Felicidade**: Disponível em: <https://youtu.be/ncu8_hbk8bs> Acesso em 28/06/2020.

Documento Digitalizado Público

Trabalho de conclusão de curso retificado Rafaela Moraes

Assunto: Trabalho de conclusão de curso retificado Rafaela Moraes

Assinado por: Edimilson Caldas

Tipo do Documento: Trabalho de Conclusão de Curso - TCC

Situação: Finalizado

Nível de Acesso: Público

Tipo do Conferência: Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

■ **Edimilson de Sousa Caldas, ASSISTENTE DE ALUNO**, em 22/03/2021 12:45:16.

Este documento foi armazenado no SUAP em 22/03/2021. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifb.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 209201

Código de Autenticação: e53b8949da

